



A educação e a palavra nos sermões do Padre Antonio Vieira: Demónio Mudo¹

Isabela Amaral Franco da Silva²

Reginaldo Aliçandro Bordin³

Centro Universitário de Maringá – Cesumar, Maringá - Pr

RESUMO

O referido trabalho tem como objetivo compreender, nos sermões do Padre Antonio Vieira, mais especificamente o sermão intitulado “Demónio Mudo”, a educação dos homens no século XVII, no Brasil colônia. A pesquisa feita é de caráter bibliográfico e documental, calcada por leituras e análises de fontes primárias como o sermão selecionado e obras que permitem cotejá-lo ao contexto econômico, político, social, cultural e pedagógico da quadra histórica delimitada. A opção pelo tema proposto deu-se pelo entendimento de que, na historiografia da educação brasileira, as pesquisas que abordam os sermões de Vieira apontam para a relevância dos estudos nessa área. Utilizou-se como subsídio teórico-metodológico a categoria trabalho como fundante, bem como o estilo da redação e da retórica utilizados pelo jesuíta.

Palavras-chave: Educação; História da Educação; Padre Antonio Vieira; Comunicação.

Introdução

No século XVII destacou-se, na historiografia da educação brasileira, a figura do jesuíta Antonio Vieira, arguto e sagaz orador que, por meio de seus sermões exerceu influências políticas e ideológicas nos diversos setores da sociedade colonial. O jesuíta nasceu em Portugal no ano de 1608 e veio para o Brasil em 1616, com oito anos de idade. Frequentou o Colégio baiano da Companhia de Jesus. Apesar da oposição de seus pais, Antonio Vieira fugiu para o Colégio dos jesuítas e, com 27 anos, tornou-se sacerdote da ordem. Um exímio missionário e possuidor de “[...] prodigiosos dotes de orador que o distinguiam [...]” (ALVES, 1945, p. XXXIX).

Antes mesmo de sua ordenação, Vieira mostrou-se interessado pelas práticas sociais do contexto histórico em que viveu e participou, ao lado da Coroa Portuguesa,

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do programa de Iniciação Científica do curso de Comunicação Social – Jornalismo do Cesumar. E-mail: isabelajornalista@gmail.com

³ Professor de filosofia do Cesumar e doutorando em História da Educação pela UEM. E-mail: r.a.bordin@uol.com.br



contra a invasão holandesa na Bahia. Nesse episódio, o jesuíta se posicionou como um soldado de Cristo, utilizando-se de sua habilidade com as palavras. De acordo com Carel (1937, p. 17): “Na sua qualidade de português, católico e religioso, Vieira julgou-se no tríplice direito de intervir e emprestar à luta o peso da sua poderosa palavra. Admirável conseqüência do patriotismo!” O autor afirma, ainda, que o jesuíta amava a religião tanto quanto amava a sua pátria e era, além de cristão, um grande cidadão, ou seja, Vieira “freqüentemente se tornou intérprete do pensamento nacional” (CAREL, 1937, p. 20).

Assim como Vieira, no período eleito para essa pesquisa, ou seja, o século XVII, quando da ocupação das terras brasileiras, muitos religiosos vieram habitar a colônia que era ocupada, prioritariamente, por índios e colonizadores, constituindo-se, de acordo com a definição dada por Silva (1999), em um amontoado de comunidades de oralidade primária⁴. Desta feita, pode-se afirmar que os padres que se dispunham a vir para essas terras deviam ser intérpretes ardilosos, a fim de que seus sermões fossem compreendidos pelos nativos e colonizadores que as habitavam. Portanto, suas preleções eram consideradas como fonte privilegiada de informação e conhecimento.

Segundo Azevedo (1963), desde os primórdios da ocupação brasileira por Portugal, tanto a educação como a evangelização brasileiras estiveram atreladas aos interesses econômicos e políticos dos colonizadores. Estes, advindos de um contexto expansionista europeu de caráter mercantilista, coordenado principalmente pela Espanha, buscavam no Novo Mundo metais preciosos e matérias-primas. Além disso, os ibéricos traziam em seu bojo a também conquista espiritual, pois precisavam angariar fiéis para a religião católico-romana então prejudicada pela Reforma Protestante.

Nesse contexto, o clero católico reagiu com o movimento da Contra Reforma, em 1545, que tinha o tríplice objetivo: combater o protestantismo, corrigir falhas da Igreja de Roma e reafirmar seus dogmas doutrinários. Como resposta à Reforma Protestante os contra reformistas reorganizaram as escolas católicas, pois defendiam o controle da Igreja sobre a instrução. O exemplo mais bem sucedido dessas escolas foi a dos jesuítas que, além de formar os próprios padres, formavam as classes dirigentes.

⁴ Alguns autores enfatizam a importância dos gestos e modo de falar quando na troca de informações. Como afirma Silva (1999, p. 71), “nas comunidades de oralidade primária, a transmissão dos textos elaborados oralmente contavam com a performance dos intérpretes [...] voz, gestos, cenários, elementos visuais e sonoros se amalgamavam para apresentar a obra”. Comunidades de oralidade primária podem ser compreendidas como aquelas que não se utilizam da escrita, bem como apresentam elementos lingüísticos limitados no que se refere à comunicação.

Quando os portugueses aportaram no Brasil com o intuito de explorá-lo, em 1530, já sofriam os revezes do movimento reformista. Sabiam que a colônia oferecia-lhes riquezas naturais e, mais preciosamente, a riqueza humana. Como descrito na carta de Caminha ao rei de Portugal, em Alves Filho (1999, p. 22), “[...] Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar [...]”. Para tal, Caminha sugeriu que o monarca enviasse pessoas hábeis, a fim de que o intento fosse viável. Os objetivos das duas maiores instituições da época – Igreja e Estado – estavam entrelaçados no afã da colonização e, portanto, os escolhidos deveriam atender ao processo de aculturação almejado pelas supremacias do poder do século XVI.

Assim, a presença dos jesuítas na história colonial foi providencial. Em 1549 chegaram os primeiros representantes da ordem e sua influência na perpetuação da hegemonia cultural não pode ser desprezada. Porém, é necessário frisar que seus esforços não ficaram presos à visão idílica de Caminha sobre os silvícolas como a ingenuidade e docilidade.

Estruturadas na colônia as relações em bases escravistas, só na instância ideológica é que se poderia persuadir o índio a participar desse processo. Nessa perspectiva, a ideologização do projeto colonial consubstanciou-se na ação missionária e evangelizadora exercida pelas ordens religiosas junto aos grupos indígenas. Desta forma, pode-se concordar com o que descreve Medeiros (1981, p. 34), ao analisar que “A Igreja ajudou a enorme massa de desprovidos de bens materiais a pensar como o desejavam os donos do poder, e não como requeria a sua condição material no processo produtivo”.

As influências da Igreja Católica na colônia brasileira foram significativas, haja vista que a maioria das pessoas, nesse período, era iletrada. As escolas jesuíticas tinham a especificidade de realizar a articulação entre os interesses da metrópole e as atividades da colônia. De acordo com Ribeiro (1995), os jesuítas recebiam incentivos financeiros da coroa portuguesa para fundar colégios nas capitânicas brasileiras. Essa situação atrelava os padres, juridicamente, ao Estado, o que os obrigava a formar gratuitamente sacerdotes para a catequese.

O objetivo inicial dessas escolas sofreu, em sua instauração, uma ruptura significativa “O plano legal (catequizar e instruir os índios) e o plano real se distanciam. Os *instruídos* serão descendentes dos colonizadores. Os indígenas serão apenas



catequizados” (RIBEIRO, 1995, p. 23). Pode-se concluir, então, que a educação jesuítica servia aos interesses da classe dominante, logo, uma educação para a elite.

Os padres, tal como Vieira, tinham em suas mãos a oportunidade de corroborar a Coroa e a Igreja, instituições hegemônicas na conformação social do período, e “educar” os colonos, índios e negros por meio da elaboração e leitura de seus sermões, da impostação vocal, da entonação dada a determinadas palavras e até mesmo a parágrafos inteiros, com o intuito de formar o homem necessário para a época.

Como descreve Pereira (2005, p. 24): “O Padre Antonio Vieira é considerado um dos maiores oradores do século XVII” e pode ser reconhecido, de acordo com essa pesquisa, como um expoente da educação colonial, pois como afirma Ribeiro (1995, p. 24) “a Companhia de Jesus se tornou a ordem dominante no campo educacional”.

1 Vieira, comunicar para educar

Além de ser tido como um dos maiores oradores do século XVII, Vieira vem ocupando espaço nos jornais e revistas da atualidade, sendo chamado até de “O mais temível dos oradores” em título de artigo da revista *Veja* de 11 de fevereiro de 2009. Portanto, sua influência política, realizada por meio da comunicação de seus sermões, tem sido reconhecida nos dias de hoje.

Como visto, os sermões de Vieira eram e ainda são considerados importantes. O jesuíta foi um exímio comunicador e utilizava os sermões de forma institucionalizada⁵. Além disso, o jesuíta valia-se da comunicação com a intenção de conformar as pessoas ao contexto econômico e social do período, de mostrar-lhes o caminho a ser seguido, ou seja, formar o homem necessário àquela estrutura social, educar esse homem por meio da inculcação do ideário católico atrelado aos interesses da Coroa Portuguesa.

Tal qual a comunicação, a educação, como esclarece Saviani (1992), carece de intencionalidade, quer seja sistemática (institucionalizada), quer seja assistemática (não-institucionalizada). No século XVII, principalmente nas colônias, o modo de produção

⁵ A comunicação é o mesmo que: a) troca de signos e de mensagens para o estabelecimento de uma ligação com algo, com alguém; b) transmissão de informações (comunicação entre células). Ela pode ser interpessoal (face a face, telefônica), mediatizada (...) e institucionalizada, quando envolve organizações sociais, culturais, políticas (uma igreja, um partido, uma agremiação etc.) Ciro (2001, p. 106).



da vida se materializava pelos ombros escravos, um modo de produção agrário que não requeria uma educação sistemática. Apenas um reduzido número de pessoas tinha acesso a materiais impressos. Importa se remeter ao trabalho de Costa e Menezes (2005), que esclarece a existência de inúmeros fatores contrários à alfabetização nas colônias, em geral antes da Revolução Industrial (século XVIII). Dentre eles, o desinteresse das elites pelo acesso da população à leitura, haja vista que não havia necessidade econômica de uma força de trabalho alfabetizada.

Nesse mundo rural, poucos eram letrados, a circulação de livros era quase inexistente. A Colônia não conhecia a imprensa e não produzia jornais. Em razão disso, a cultura colonial tinha como característica a oralidade. Isto é, grande parte do que era escrito o era para ser falado (COSTA; MENEZES, 2005, p. 39).

Dessa forma, os sermões lidos nas Igrejas se consubstanciavam na principal fonte de acesso aos materiais escritos, pois poucos eram os alfabetizados. A formação e o conhecimento eram transmitidos, para a maioria analfabeta, nas missas. De acordo com Straubhaar (2004, p.29), em economias agrárias como a da colônia brasileira, “poucas pessoas têm o tempo, ou a oportunidade de aprender a ler ou escrever. De fato, ler e escrever eram ocupações especializadas [...]” Padres e pessoas ligadas a ordens religiosas eram geralmente os poucos alfabetizados, por isso tinham grande importância como educadores e podiam ser considerados, pela análise da concepção gramsciana, como intelectuais orgânicos⁶.

Dessa forma, era necessária uma comunicação efetiva entre a classe hegemônica, constituída pela Coroa Portuguesa e a sua aliada mais proeminente, a Igreja Católica, com a sociedade colonial. Nessa perspectiva o cuidado com as pregações e os discursos proferidos tinha relevância no sentido de ratificar as questões econômicas que favoreciam Portugal, contribuir para a manutenção da ordem vigente, bem como angariar e manter os fiéis católicos. No Sermão Demônio Mudo, escolhido

⁶ Gramsci define os intelectuais como “‘comissários’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso ‘espontâneo’ dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce ‘historicamente’ do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal que assegura legalmente a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo” (GRAMSCI, 1989, p. 11).

especificamente para a pesquisa, Vieira atuou de maneira a contribuir com a formação do homem para aquele momento histórico, preservando os dogmas religiosos.

Ao tratar, especificamente, sobre o demônio representado pelo espelho, o jesuíta explicava que o objeto era a representação de um demônio, pois fazia com que as pessoas se contemplassem e se idolatrassem, principalmente as mulheres, para quem o jesuíta afirmava que o objeto havia sido criado. Ele ratificava a importância da fidelidade à religião Católica como forma de se livrar desse perigo. Para Vieira (1951, p. 322), o demônio do espelho era silencioso, sorrateiro, portanto, “se o demonio vem mudo, debaixo do mesmo silencio em que se esconde o perigo, descança e adormece o cuidado”.⁷ Por isso a importância de se resguardar do mal sob a proteção da única instituição capaz de afastá-lo, qual seja a Igreja Católica.

Revisitando o contexto histórico de maneira mais detalhada, pode-se compreender os motivos de tanta preocupação por parte de Vieira de que as pessoas permanecessem fiéis à fé Católica. A Igreja chegou à colônia sob a ameaça da Reforma protestante, com o intuito de, junto à Coroa Portuguesa, conseguir fiéis para seu rebanho. Logo, manter os colonos atrelados ao catolicismo era tarefa que exigia sólida formação teórica, perseverança na atuação religiosa, oratória expressiva e fé inabalável. Essas foram, de acordo com Azevedo (1963), algumas das qualidades que elegeram os jesuítas como parceiros de Portugal na colonização do Brasil.

Torna-se importante frisar que os interesses da Coroa Portuguesa eram acumular metais preciosos e, para atingir seus objetivos contou com o braço escravo logo que compreendeu que os índios não seriam tão servís como, a princípio, imaginou-se. É preciso, atentar, ainda, para o fato de ser o tráfico de escravos um comércio muito lucrativo. Nessa relação econômica, Vieira foi uma importante ferramenta da Igreja Católica, pois, apesar de ter ciência do sofrimento dos negros, o jesuíta não pretendia colaborar para que houvesse o fim dessa mão-de-obra. Pelo contrário, ele acreditava que por meio da escravidão é que os negros alcançariam a paz e a vida eterna.

Dizei-me: vossos pais, que nasceram nas trevas da gentildade, e nela vivem e acabam a vida sem lume da fé, nem conhecimento de Deus, aonde vão depois da morte? Todos, como já credes e confessais, vão ao inferno, e lá estão ardendo e arderão por toda a eternidade (...). Pelo

⁷ O livro dos Sermões escolhido para análise possui linguagem arcaica. Por isso, a fim de evitar uso constante de *sic* no decorrer do trabalho, optou-se por essa explicação em nota de rodapé.



contrário os filhos de coré, perecendo ele, salvaram-se, porque reconheceram, veneraram, e obedeceram a Deus: e esta é a singular felicidade do vosso estado, verdadeiramente milagroso. (VIEIRA, 1940, vol. III, p. 26).

Vieira não lamentava a escravidão e todo o sofrimento que ela causava aos negros, em vez disso, acreditava ser essa forma de trabalho, um “milagre” de libertação. Para o jesuíta, a violência, consequência do trabalho escravo, não era contestada, pois era vista como uma imitação ao sofrimento de Cristo. Dessa forma, os negros ficariam ainda mais próximos de Deus (MENEZES, 2006).

Essa contradição afeta às relações de produção da vida material na colônia brasileira estampava-se na coexistência da exploração do homem pelo homem, melhor dizendo, do negro pelo branco e as concepções teológicas cristãs que buscavam a cristianização, haja vista que “todos” careciam de salvação. Era necessário, então, estabelecer mecanismos de controle físicos e ideológicos para garantir o trabalho compulsório. Por isso, Vieira (1940) afirmava que a escravidão era o doce inferno, objetivando amainar as consciências dos colonizadores, se é que eles a tinham, e de apaziguar as revoltas e os movimentos revolucionários negros (quilombos).

Na mesma esteira dessa discussão, no período colonial a acumulação capitalista se efetivou sobre bases mercantis. A substituição do feudalismo se deu por um novo modo de produção que não era, ainda, uma forma de organização econômica e social estabelecida. Apresentava, entretanto, seus germens nas relações de produção que viriam a se concretizar hegemonicamente nos séculos XVIII e XIX. Foi necessário, então, que os colonizadores portugueses estabelecessem na colônia o que Marx (1989), posteriormente, denominou de colonização sistemática ao tratar acerca das relações sociais estabelecidas na Inglaterra no século XIX, que objetivava fabricar assalariados nas novas terras.

No caso inglês, os colonizadores precisavam, além de levar para as colônias os meios de produção, levar as relações sociais, “uma relação social entre pessoas, efetivada através de coisas” (MARX, 1989, p. 885). Na colônia brasileira, não havia salário, o trabalho era escravo, mas as relações eram de exploração com vistas à acumulação de capital e à propriedade privada dos meios e modos de produção. Só se constituem capital os meios de produção e subsistência quando servem para “explorar e dominar o trabalhador” (MARX, 1989, p. 885).



Nesse viés, olhar para o contexto econômico e político da quadra histórica abordada possibilita a compreensão do ideário de acumulação, vigente na colônia brasileira, como uma das primitivas formas do capital. Hoornaert (1992) traz luz para essas questões ao esclarecer que houve na colônia uma relação invertida entre o matrimônio e o patrimônio. Os senhores de engenho, proprietários de latifúndios, perceberam que ao casarem suas filhas, sofriam a perda de partes das terras pela divisão das mesmas. Desta feita, enviavam as moças aos conventos como estratégia para evitar os casamentos e, conseqüentemente, conter a perda das terras e manter a elite colonial. Subsidiados por essas constatações, pode-se afirmar que Vieira atuou de forma incisiva nessa questão com o sermão Demônio Mudo, posto que contribuiu para que as moças que se dirigiam aos conventos vivessem apenas para o “esposo do céu”, sem cogitar ou desejar um marido terreno. De acordo com Vieira (1951, p.324):

E a razão do meu descontentamento é, porque tenho alcançado por larga experiência, que enquanto uma Religiosa se quer vêr ao espelho, não tem acabado de entregar todo o coração ao Esposo do céu, e ainda lhe ficaram n'elle alguns resabios do amor e vaidade do mundo (...) nos conventos e cella das Religiosas o espelho é o diabo do mundo.

Ao enfatizar os perigos do espelho, que seria um instrumento de reflexo das qualidades femininas, e ao excluí-lo dos ambientes religiosos, principalmente dos conventos, Vieira propôs educar as moças para seguirem uma vocação que, subliminarmente lhes foi exigida pela sociedade da época, com o objetivo de manutenção da ordem elitista vigente. Os sermões foram fundamentais para que o jesuíta transmitisse o ideário vigente, influenciando, incentivando e, principalmente educando os homens para o consenso necessário à manutenção econômica, social e religiosa. Por meio de seus sermões e sua oratória exemplar, o jesuíta ajudava a formar a sociedade ideal para a época, sociedade esta, submissa aos ditames do Estado e da Igreja Católica.

Esse autoritarismo, utilizado como instrumento para a sujeição, é encontrado com freqüência no sermão Demônio Mudo e pode ser percebido na forma como o padre elaborava suas frases, suas idéias e até na escolha das palavras a serem comunicadas, como: tragasse, ainda, remédio, se, contemplando, pejam, dentre outras, que emprestam



ao texto um sentido autoritário e ameaçador. A citação a seguir, retirada do sermão supracitado, é um exemplo do sentido ameaçador que o jesuíta utilizava:

E para que se veja quão alheio de agravo nem encarecimento é o nome de demonio que dei ao espelho; oiçam todos com assombro o que agora hei-de dizer. E é, que de um espelho não artificial ou fingido, senão natural e verdadeiro (...) que n'elle se viu, nasceram todos os demonios, quantos depois de serem anjos ardem no inferno (VIEIRA, 1951, p. 328).

Nesse viés, a análise feita por Halliday (1988) acerca das influências comunicacionais de políticos e religiosos para mudar ou reforçar ações, percepções e valores se efetiva, principalmente pela retórica. Para a autora, tanto os editoriais dos meios de comunicação de massa como os oradores com os sermões, utilizam as palavras para alcançar o objetivo de persuasão. Esse objetivo responde, de acordo com Halliday (1988, p. 121), “aos ditames de uma situação”.

Essa assertiva nos remete a posição de Vieira, representante da Igreja Católica que, juntamente com a Coroa Portuguesa, concebiam a colônia brasileira como um local privilegiado para lhes oferecer, respectivamente, fiéis e riquezas. Com vistas a suprir e a manter as questões econômicas em uma sociedade conformada pela escravatura, pela propriedade privada dos meios e modos de produção e pela acumulação, Vieira utilizou-se dos sermões para, ideologicamente, formar os homens de acordo com os interesses da Metrópole portuguesa, que tinha na Igreja Católica e, conseqüentemente no jesuíta, um instrumento de manipulação e inculcação do ideário mercantilista, hegemônico nesse período da história.

Considerações Finais

Padre Antonio Vieira é considerado como um dos mais importantes e exímios educadores do século XVII, alcançando os objetivos de persuasão e formação do homem necessário aquele momento histórico por meio de sua distinta capacidade de comunicar seus ideais (e conseqüentemente os da Igreja Católica e da Coroa



Portuguesa). Dessa forma, educação e comunicação andaram juntas nesse período e tiveram, tanto uma como outra, decisiva participação no processo de construção ideológica da sociedade colonial.

Por meio de sua retórica, Vieira foi um instrumento decisivo para a manutenção das relações econômicas existentes na colônia. Ao aceitar a escravidão, encorajando e incitando os negros ao trabalho, o jesuíta tecia uma apologia ao sofrimento como justificativa para a proximidade de Deus (MENEZES, 2006) e servia, assim, aos interesses da Coroa Portuguesa.

Da mesma forma, incentivava as moças a permanecerem nos conventos; corroborando o mecanismo utilizado pela sociedade colonial e seus latifundiários de não terem suas terras diminuídas pela divisão ocasionada pelo matrimônio de suas filhas. Vieira contribuiu com a manutenção da propriedade privada ao censurar o espelho no sermão Demônio Mudo. Ele acreditava que se as moças se contemplassem e se admirassem “não tem acabado de entregar todo o coração ao Esposo do céu” (VIEIRA, 1951, p. 324).

O jesuíta também foi importante arma da Igreja Católica no movimento de Contra Reforma, pois, utilizando linguagem ameaçadora, amedrontava os fiéis a fim de que eles não se desviassem para outras religiões. Da mesma forma, utilizou-se de sua retórica para trabalhar na conversão de índios e negros à religião Católica, a única, de acordo com ele, que levaria a salvação.

Compreende-se, então, que o padre Antonio Vieira pode ser considerado um intelectual orgânico, pois se utilizou da comunicação para informar e, mais que isso, formar os homens do Brasil-colônia. “E, como as prédicas proferidas dos púlpitos mais elevados ecoavam seja na corte, seja entre a plebe, não é despropositado comparar o papel dos oradores de outrora ao dos radialistas políticos americanos de hoje.” artigo da revista Veja de 11 de fevereiro de 2009. Portanto, a relevância da pesquisa está em, como afirma Saviani (2007), olhar para o passado para compreender o presente, ou seja:

[...] a investigação histórica não é desinteressada [...] o que provoca o impulso investigativo é a necessidade de responder a alguma questão que nos interpela na realidade presente [...] a percepção de que o presente se enraíza no passado se projeta no futuro. Portanto, eu não posso compreender radicalmente o presente se não compreender as suas raízes, o que implica o estudo de sua gênese (SAVIANI, 2007, p.4).



Nesse trabalho, perscruta-se sucintamente o passado e se permite concluir que em uma sociedade estruturada sobre a lógica do capital, o meio de comunicação utilizado não é relevante no que se refere à transformação do que está posto. Explicando melhor, se no passado Vieira se expressava por meio de sermões, em púlpitos, e hoje os comunicadores utilizam a televisão, o rádio, a internet, dentre tantas outras mídias; percebe-se que quando a sociedade está estruturada em bases capitalistas, a lógica é a mesma.

Assim como nos tempos de Vieira, na atualidade o interesse é manter as relações de produção em bases da propriedade privada, de exploração do homem pelo homem, da acumulação de bens, da mais-valia, do sobre-trabalho e do consumismo, ou seja, manter o capital e a ordem vigente. Compreende-se que Vieira utilizou a comunicação para esse fim, fato que dirige a reflexão para a conduta dos comunicadores da atualidade. Se reproduzirem a ideologia tal qual interessa aos capitalistas, contribuirão para a manutenção e reprodução do *status quo*. A resistência ao capital se consubstanciará na criticidade da veiculação das (in)formações. Deve-se refletir então, sobre qual sociedade se quer (trans)formar e, para tanto, que tipo de comunicador se quer ser.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, I. **Brasil, 500 anos em documentos**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 15-23.

ALVES, G. Padre Antonio Vieira: Sua Vida. In: VIEIRA, A. **Sermões**. Pôrto: Lello e Irmão, 1945. (Obras completas do Padre Antônio Vieira).

ASCHER, N. O mais temível dos oradores. **Veja**, São Paulo, n. 6, p. 120-121, fev. 2009.

AZEVEDO, F. O sentido da educação colonial. In: **A cultura brasileira**. 4. ed. Brasília: UnB, 1963.

CAREL, E. **Vida do Padre Antônio Vieira**. (Tradução de Augusto Souza). São Paulo, Cultura Brasileira, 1937.



CIRO, M. F. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo, Hackers Editores, 2001. (Coleção Comunicação).

COSTA, C. J.; MENEZES, S. L. A Educação no Brasil Colonial (1549-1759). In ROSSI, E. R.; RODRIGUES, E.; NEVES, F. M. (Orgs.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2005. (Formação de professores EAD; n. 4).

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989

HALLIDAY, T. L. Atos retóricos: discurso e circunstâncias. In: HALLIDAY, T. L. (Org). **Atos retóricos: mensagens estratégicas de políticos e igrejas**. São Paulo: Summus editorial, 1988.

HOORNAERT, E. et al. **História da igreja no Brasil**. Tomo II, v.1. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política - O Processo de Produção do Capital**. Livro I, vol. 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MEDEIROS, M. C. **Os Oratorianos de Pernambuco**, uma congregação a serviço do Estado. Recife: UFPE, Dissertação apresentada ao CMH/CFCH, 1981.

MENEZES, S. L. Escravidão e educação nos escritos de Antônio Vieira e Jorge Benci. **Diálogos**, Maringá, v.10, n.3, p.215-228, 2006

PEREIRA, J. B. **O padre Antonio Vieira: orador e profeta do V Império**. 2005. 311 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

RIBEIRO, M.L.S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. Campinas: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007 (Coleção memória da educação).

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SILVA, J. L.O.A. **Rádio: Oralidade Mediatizada – o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

STRAUBHAAR, J. D. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.



VIEIRA, A. **Sermões**. Pref. e Rev. pelo Padre Gonçalo Alves. Porto: Lello e Irmão, 1945. v. 1. (Obras completas do Padre Antonio Vieira).

VIEIRA, A. **Sermões**. Pref. e Rev. pelo Padre Gonçalo Alves. Porto: Lello e Irmão, 1951. v. 3. (Obras completas do Padre Antonio Vieira).

VIEIRA, P.A. **Sermões pregados no Brasil – II A vida social e moral na colônia** (vol. III). Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940.